

\$eguro

Muito risco,

Produtor de uva há 25 anos em São Miguel do Arcanjo, no interior de São Paulo, Alonso Ribeiro da Silva contratou o seguro agrícola há quatro anos e diz que tem muito receio em fazê-lo novamente. O motivo? “Não é interessante. Nem tanto pelo valor do seguro, mas pela baixa cobertura que ele me dá”, disse em entrevista à **Hortifruti Brasil**. Com o subsídio do governo para o pagamento do seguro, ele gastou R\$ 1.400,00 para cobertura de 2,4 hectares de uva. O custo, segundo o agricultor, não é elevado. “A questão é que eles cobrem apenas ‘chuva de pedra’ e, mesmo assim, tem que haver um percentual elevado de perda para compensar”, afirmou.

Seguro é uma forma de transferência de risco. O indivíduo que opta por esta proteção transfere um possível prejuízo futuro decorrente de algo pré-determinado por uma despesa antecipada de menor valor. No caso do seguro agrícola, o produtor paga um valor à seguradora - chamado “prêmio” - para esta assumir a responsabilidade em caso de algum problema que possa causar danos à lavoura e, assim, ressarcir as perdas dos agricultores. O seguro agrícola é uma das modalidades do seguro rural e tem como função cobrir e oferecer proteção às lavouras em geral, minimizando os prejuízos de adversidades climáticas específicas: basicamente granizo e geada; e, em menor grau de cobertura, risco de incêndio, raio e trombas d’água.

É, de fato, uma proteção pouco abrangente para o setor hortifrutícola, cuja produtividade é muito sensível a diversos eventos climáticos e a severos problemas de pragas e doenças. Além disso, o desenho atual da política de seguro agrícola não garante a rentabilidade da cultura, já que a perda financeira do produtor não se restringe a problemas de produtividade. Oscilações de preços, qualidade do produto, perdas na comercialização, quebras contratuais e outros riscos inerentes à atividade não são cobertos.

Ainda assim, o setor produtivo de frutas e hortaliças é o segundo segmento que mais utiliza o seguro agrícola no País, atrás apenas dos grãos. Isso se explica pelo fato de vários hortifrutícolas serem classificados como culturas prioritárias pelo governo para aplicar sua política de subvenção.

Para definir as culturas prioritárias, o governo federal, via Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), leva em consideração a importância da cultura na economia de uma determinada região, além do valor da produção e da movimentação financeira que tal cultura representa em um município. Também é avaliado o histórico de sinistro (quantidade de vezes que a região teve que acionar o seguro agrícola para cobertura de perdas).

Com esses critérios, foram beneficiadas entre frutas e hortaliças as culturas de uva, maçã e tomate. Além desses três produtos, o arroz, a

Agrícola

pouco seguro...

ameixa, caqui, feijão, milho, pêssego e a soja, por exemplo, também entram no conceito de cultura prioritária do MAPA.

Com relação às áreas de cobertura, para a maçã, os municípios que receberam classificação de regiões prioritárias encontram-se nos estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Para a uva, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo. Já para o tomate, os municípios abrangem mais estados além de São Paulo e do Sul do País: Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Espírito Santo e Distrito Federal.

Isso explica por que, de acordo com dados do Departamento de Gestão de Risco Rural (DEGER), do MAPA, a região Sul do País e São Paulo foram responsáveis por 85% de todas as contratações do seguro agrícola em 2012, independente da atividade agrícola. O Paraná ficou em primeiro, seguido por Rio Grande do Sul, São Paulo e Santa Catarina.

O Nordeste, importante polo produtivo de frutas, praticamente não aparece nas estatísticas de seguro. Em 2012, os poucos registros foram de frutas temperadas na Bahia e uva em Pernambuco – totalizando apenas 4 apólices. Não há atratividade para o produtor da região Nordeste contratar seguro para chuva de granizo ou geada. No geral, o problema climático na região é o risco de estiagem. A forte seca entre 2011 e 2012 afetou severamente a produtividade na região.

Assim, a contratação de seguro no Brasil, que só envolve cobertura praticamente para chuva de granizo e geada, é concentrada justamente nas regiões de maior risco para essas intempéries climáticas. Para analistas, é como oferecer seguro de carro somente em bairros onde o risco de roubo é altíssimo. Obviamente o custo será maior.

Pierre Nicolas Pérès, presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Maçã (ABPM), alerta justamente para esta questão. Segundo ele, a multiplicação dos eventos (catástrofes climáticas) nos últimos anos na região Sul tem elevado a taxa de seguro para o cálculo do prêmio, deixando o seguro cada vez mais caro, mesmo com o subsídio do governo. No caso de maçã, por exemplo, o prêmio médio por apólice saltou de R\$ 23 mil em 2010 para R\$ 29,5 mil em 2012 (DEGER/MAPA) – 40% desse valor é pago pelo produtor.

“É preciso diluir os riscos entre os segurados. Quanto mais produtores aderirem, menor o custo do seguro”, diz Ricardo Sassi, da Proposta Seguros. “Um seguro que cobrisse chuva de granizo e também seca, por exemplo, poderia interessar ao produtor do Sul e ao do Nordeste, ampliando a adesão”, diz ele. O Professor Vitor Ozaki, da Esalq, também ressalta que é importante também avaliar o portfólio das seguradoras: “existe uma falta de produtos customizados para cada produto e região”.

SEGURO RURAL VAI ALÉM DO SEGURO AGRÍCOLA

Há muita confusão entre os termos seguro rural e o seguro agrícola. O seguro rural é um conceito mais amplo e abrange outros tipos de serviços oferecidos aos produtores rurais. De acordo com o MAPA, além de oferecer cobertura em casos de adversidades climáticas (seguro agrícola), o seguro rural cobre também a pecuária, o patrimônio do produtor rural, seus produtos e até mesmo sua vida. Segundo a Superintendência de Seguros Privados (Susep), o objetivo do seguro rural é oferecer mecanismos de proteção ao produtor, sua produção e sua família.

Além do seguro agrícola, veja as demais modalidades do seguro rural oferecido pelas seguradoras:

- **Seguro Pecuário:** este tipo de seguro rural tem como objetivo oferecer indenização ao pecuarista em caso de morte de seus animais.
- **Seguro Aquícola:** oferece indenização em caso de morte de animais aquáticos (peixes, crustáceos etc.).
- **Seguro de Benfeitorias e Produtos Agropecuários:** este tipo de seguro, que pode ser contratado pelos produtores de hortifrutícolas, cobre possíveis perdas e danos aos bens, como máquinas e tratores que são utilizados e relacionados à atividade agrícola. Estes, porém, não podem ter sido oferecidos como garantia nas operações de crédito rural.
- **Seguro de Penhor Rural:** este tipo de seguro cobre os mesmos bens que o seguro de benfeitorias e produtos agropecuários. Porém, ao contrário do anterior, este cobre os bens oferecidos como garantia na obtenção do crédito rural.
- **Seguro de Vida:** é oferecido ao produtor rural que esteja em débito com o crédito rural. É utilizado em caso de falecimento do produtor – nesta situação, o seguro amortiza ou liquida as operações de crédito rural que agricultor contratou com um agente financiador.

Proagro é um seguro agrícola ou rural?

É importante distinguir também o Proagro das demais modalidades de seguros. O Proagro não está vinculado à Susep e funciona diretamente com as instituições financeiras que oferecem crédito de custeio ao produtor. O governo federal, na prática, é a seguradora. O objetivo do Proagro é minimizar o risco da inadimplência no financiamento no caso de perda de renda do produtor por conta de um eventual prejuízo em suas lavouras. No geral, o produtor não tem muita saída – quando ele contrai o financiamento do custeio, normalmente a instituição financeira condiciona a liberação do crédito ao pagamento do prêmio do Proagro. Todos esses condicionamentos da instituição financeira elevam o custo do financiamento. Em muitos casos, produtores discutem a necessidade de pagamento desse seguro, já que ele deu como garantia a própria fazenda no caso de inadimplência (é obrigatória a vinculação de um bem do agricultor em garantia para obtenção do financiamento, mesmo quando o produtor adquire o Proagro).

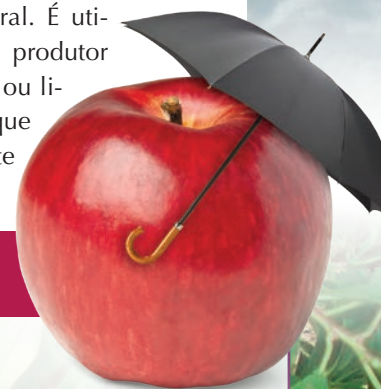
Outro questionamento dos produtores com as instituições financeiras é o condicionamento do seguro de máquinas e equipamentos no caso de financiamento desses bens. O agricultor reconhece a importância do seguro para alguns bens, mas defende que a contratação deste mecanismo de proteção deveria ser opcional.

Programa de Garantia da Atividade Agropecuária - Proagro

Este programa tem como objetivo exonerar o beneficiário do crédito rural do cumprimento de obrigações financeiras relativas a operações de crédito. Entretanto, o programa está relacionado ao seguro rural, pois garante aos agricultores, em caso de ocorrência de adversidades climáticas (chuvas excessivas, secas severas, geada etc.) e incidência de pragas e doenças, a cobertura dos financiamentos obtidos para a implantação da lavoura, em operações de crédito rural de custeio. Com este programa, o governo garante ao produtor o pagamento de sua dívida em caso de sinistro. Como o Proagro foi criado em 1973, o seguro rural era utilizado somente por este incentivo do governo. Porém, com a criação de um programa específico para o seguro rural – Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR) –, o Proagro deixou de ser um programa vinculado ao seguro e passou a ser relacionado ao crédito rural.

Proagro Mais

É destinado a atender pequenos produtores vinculados ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) nas operações de custeio agrícola. Passou a cobrir também as parcelas de custeio rural e investimento, financiadas ou de recursos próprios.



O QUE DEIXA O TOMATE MAIS ALEGRE ?

As pesquisas demonstram que, com estímulos certos, as hortaliças respondem com mais cor e sabor. Este é o trabalho da Stoller: ajudar as plantas a lidar com o estresse e expressar todo o seu potencial genético, produzindo mais. Descubra como ativar o poder das suas plantas: acrescente Stoller.



Em 56 países, com 40 anos de Brasil.
Mais pesquisas, tecnologias e resultados.
Informações e produtividade para o campo.

www.stoller.com.br



HORTIFRUTI É O SEGUNDO SET

Mesmo com todas as limitações de instrumentos de proteção ao risco neste segmento, o setor hortifrutícola é o segundo entre os produtos agrícolas mais segurados no País. Os grãos, como a soja e o milho, ficam em primeiro no ranking. Em 2012, o mercado de seguros de frutas e hortaliças movimentou R\$ 138 milhões. Em grãos, foram R\$ 418,5 milhões. Esses dois segmentos representaram 97% do mercado de seguros no ano passado, segundo as estatísticas do DEGER/MAPA.

O número de apólices no setor de frutas vem aumentando desde 2010. Já para as hortaliças, o volume de contratos reduziu em 2012 em comparação a 2011, embora tenha sido superior ao registrado em 2010. A explicação está nos fatores já mencionados. No geral, os produtores mais expostos a risco de perdas com granizo, principalmente, são os que vêm mantendo o seguro rural. Com essa concentração no perfil dos produtores, aumenta-se o risco e, conseqüentemente, o gasto médio com o seguro. Apesar da subvenção do governo (uma parcela do seguro é subsidiada pelo Estado), o valor médio do prêmio pago tem aumentado nos últimos anos para o setor hortifrutícola.

Além da concentração de perfil de risco, as culturas que mais contrataram seguros também são restritas. Em 2012, uva e maçã corresponderam a 88% do total de apólices de seguro na fruticultura, segundo as estatísticas do DEGER/MAPA. O mesmo departamento revela que, no caso de legumes e verduras, tomate e cebola corresponderam a 90% do total de apólices desse grupo em 2012.

PARTICIPAÇÃO DOS NO PROGRAMA DE



24% do total dos recursos para subvenção

82,5 mil ha de área assegurada no setor

70,5 mil ha

Número de apólices e prêmio médio por apólice (R\$) no setor hortifrutícola – 2010 a 2012

Produto agrícola	2010		2011		2012	
	Apólices (unidades)*	Prêmio médio por apólice (R\$)**	Apólices (unidades)*	Prêmio médio por apólice (R\$)**	Apólices (unidades)*	Prêmio médio por apólice (R\$)**
<i>Frutas</i>	9.863	8.048,94	12.583	9.022,13	13.015	9.014,78
Maçã	1.920	22.973,94	2.092	28.294,36	2.018	29.436,81
Uva	6.365	3.455,08	8.339	3.986,28	9.400	4.555,39
Pêssego	507	5.355,42	741	6.632,71	643	7.586,70
Outros	1.071	9.869,23	1.411	11.465,08	954	10.718,03
<i>Hortaliças</i>	1.631	8.939,87	2.488	8.006,73	2.088	9.979,42
Tomate	842	13.340,03	1.266	11.151,29	1.111	13.612,60
Cebola	703	4.120,81	858	4.305,12	762	5.040,04
Alho	37	6.963,73	137	8.951,28	135	8.478,88
Outros	49	3.960,06	227	3.890,29	80	9.103,38
Total	11.494	8.377,72	15.071	8.854,50	15.103	9.148,14

*Apólices: número total de contratos de seguro.

**Prêmio médio por apólice: valor total do mercado de seguros (prêmio) dividido pelo número de apólices.

Fonte: DEGER/MAPA

OR QUE MAIS UTILIZA O SEGURO

HORTIFRUTÍCOLAS SEGUROS EM 2012



10 mil produtores beneficiados

15 mil apólices firmadas

55% do prêmio subsidiado pelo governo

de área segurada para uva, maçã e tomate

Fonte: DEGER/MAPA

Cenário atual: Sem governo, sem seguro

No atual modelo de seguro agrícola no Brasil, o governo arca com boa parte dos gastos que os produtores teriam que desembolsar para contratar este tipo de proteção. Como o mercado de seguros ainda é concentrado nas regiões de elevado risco (chuva de granizo e geada), os prêmios são altos. A viabilidade do mercado é, portanto, ainda bastante dependente do subsídio do governo.

Em 2012, o valor total arrecadado pelas seguradoras/financeiras com o prêmio de seguro rural foi R\$ 571 milhões, segundo as estatísticas do DEGER/MAPA. Deste montante total do prêmio, 56% foram pagos pelo governo, como forma de fomentar o mercado de seguro agrícola.

No caso das frutas, a subvenção do governo é em torno de 60% e, para hortaliças, 40% (veja box sobre o programa de subvenção do governo federal na próxima página). Isso significa que de um prêmio médio em frutas por apólice no valor de R\$ 9.000,00, o produtor arca com R\$ 3.600,00, e o governo com o restante. No caso das hortaliças, o custo médio para o produtor é mais elevado, no geral. Para um prêmio médio por apólice de R\$ 9.980,00, o produtor arca com um valor de R\$ 5.990,00 (por apólice).

Evolução do valor da subvenção do governo e do prêmio no setor hortifrutícola - 2010 a 2012 (milhões de R\$)

Prêmio	2010		2011		2012		% Média de Subvenção (2010-2012)
	Subvenção*	Prêmio**	Subvenção*	Prêmio**	Subvenção*	Prêmio**	
<i>Frutas</i>	46	79	67	114	68	117	58%
Maçã	26	44	35	59	34	59	58%
Uva	13	22	20	33	25	43	59%
Pêssego	2	3	3	5	3	5	59%
Outros	6	11	9	16	6	10	57%
<i>Hortaliças</i>	7	17	8	20	8	21	40%
Tomate	4	11	6	14	6	15	40%
Cebola	1	3	1	4	2	4	39%
Alho	0,1	0	0,5	1	0,5	1	40%
Outros	1	3	0	1	0	1	39%
Total	53	96	75	133	76	138	55%

*Subvenção: valor pago pelo governo às seguradoras/instituições financeiras.

** Prêmio: composto pelo valor pago pelo produtor e completado pelo governo (subvenção) às seguradoras/instituições financeiras.

Fonte: DEGER/MAPA

Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR)



Desde 2003, o programa oferece ao agricultor a oportunidade de segurar sua produção por meio de auxílio financeiro que reduz os custos de contratação do seguro. O principal objetivo desta política é a maior estabilidade da renda agropecuária. O auxílio é concedido pelo MAPA e pode ser pleiteado por qualquer pessoa física ou jurídica. Para a contratação, o produtor deve procurar uma seguradora habilitada no programa. O recurso não é liberado para o produtor que apresente cobertura de outros programas do governo para a mesma área.

Subvenção do seguro rural

Limites e percentuais de subvenção federal ao prêmio do seguro rural - Limite para cada cultura - 2010 a 2012

Tipo de seguro	Grupos de culturas	Percentual de subvenção ao prêmio do seguro rural (%)	Limite em R\$
Agrícola	Feijão, milho (segunda safra) e trigo	70	96.000,00
	Ameixa, aveia, canola, caqui, cevada, centeio, figo, kiwi, linho, maçã, nectarina, pera, pêssego, sorgo, triticale e uva	60	96.000,00
	Algodão, arroz, milho e soja	50	96.000,00
	Abacate, abacaxi, abóbora, abobrinha, alface, alho, amendoim, atemoia, banana, batata, berinjela, beterraba, cacau, café, cajú, cana-de-açúcar, cabola, canoura, cherimoia, chuchu, couve-flor, ervilha, escarola (chicória), fava, girassol, goiaba, graviola, jiló, laranja, lichia, lima, limão, e demais cítricos, mamão, mamona, mandioca, manga, maracujá, melancia, melão, morango, pepino, pimentão, pinha, quiabo, repolho, sisal, tangerina, tomate, vagem e demais hortaliças e legumes	40	96.000,00
Pecuário		30	96.000,00
Florestal		30	96.000,00
Aquícola		30	96.000,00

**A cada cultivo,
a qualidade que
vem do campo.**

**Agricultura,
o maior trabalho
da Terra.**



AGRICULTURA BRASILEIRA
SUSTENTÁVEL



www.planetafaminto.com.br
Acesse e saiba mais.

Desde o nascimento, cada dia da vida das mais de 7 bilhões de pessoas do planeta depende do trabalho do agricultor. Seja em cada refeição consumida ou na qualidade de cada alimento que chega à nossa mesa. Ajudar o agricultor a fazer esse trabalho de forma sustentável é a missão da BASF, com inovação e tecnologia.

**Obrigado, agricultor brasileiro.
O maior trabalho da Terra está em suas mãos.**


The Chemical Company

Seguro agrícola e/ou telas de proteção?

Enquanto produtores, seguradoras e governo discutem a necessidade de novos modelos de seguro, o produtor continua receoso com este tipo de proteção. Para Pérès, da ABPM, existe de fato para o produtor o sentimento de que o dano é sempre subestimado na hora de receber o seguro.

Quando em 1996 uma chuva de granizo atingiu sua lavoura, Paulo Igildo Bonjour, viticultor no interior paulista, diz que não teve a cobertura que esperava. “Perdi 80% de minha safra, e o perito enviado pela seguradora disse que as perdas foram de 20%”.

Pérès diz que a avaliação depende muito do técnico da empresa de seguro. “Alguns serão extremamente rígidos, retirando da cobertura muita frutas sem um embasamento técnico. Outros serão mais justos na avaliação. Isso é matéria de discussão”, afirmou à **Hortifruti Brasil**. “Cada empresa tem sua política, mas em geral, quando há divergência de cálculo entre o perito da seguradora e o produtor, o produtor chama o agrônomo dele e a seguradora chama um segundo perito, para entrar em um acordo. Se o acordo não é realizado, o evento é

encaminhado para as câmaras de arbitragem, que vai estabelecer um acordo judicial para apurar a indenização”, explica o Prof. Victor Ozaki, da Esalq.

Pérès defende que, apesar das dificuldades, os produtores devem sim investir em seguro agrícola, aproveitando este momento em que esta proteção ainda é barata. “No Sul nossa principal ameaça é a chuva de granizo. Hoje podemos dizer que de cinco safras uma será perdida por este fator climático”, afirmou. Em 2011, a ocorrência de chuva de granizo afetou 80% da área de maçã segurada. O custo médio do seguro de maçã para o produtor no último ano foi de R\$ 1.300,00 por hectare (DEGER/MAPA).

A adoção do seguro é importante não somente para o caso da maçã, mas para todos os hortifruticultores localizados em regiões de alto risco a granizos. Atualmente, o custo médio para o hortifruticultor adquirir o seguro é de R\$ 1.000,00/ha. É um valor alto, mas dependendo da região, compensa. Em 2011, o granizo prejudicou 43% da área segurada de uva e 28% da de tomate (DEGER/MAPA).

Há outros meios de o produtor se proteger de adversidades climáticas como o granizo. Pérès recomenda investimento em cobertura/tela antigranizo, principalmente com a criação neste ano de uma nova linha de financiamento para este propósito, com prazo adequado e juro subsidiado. “Quando o granizo é forte, a planta fica com muita ferida, podendo afetar o seu potencial produtivo por vários anos. Com a rede antigranizo, isso não acontece”, afirma.

João Zafalon, produtor paulista de uva, afirma que contrata o seguro apenas para “livrar a parte da produção que financiou no banco” e diz que não entende por que a cobertura do seguro não leva em conta a perda que vai além dos danos nos cachos da uva. “A chuva de granizo fura a folha e isso tem efeitos por muito tempo na produção, mas eles não consideram esse fator. Deveria ser um seguro total, que cobrisse a produção como um todo”, reforça. Para ele, é mais interessante que o governo ajude financiando a compra de telas.

O custo para se colocar esta proteção está em torno de R\$ 30 a R\$ 40 mil por hectare em materiais como arame e telas, sem contar a mão de obra. Um dos programas do governo que auxilia os produtores na instalação das telas antigranizo é o Modernifra (Programa de Incentivo à Irrigação e à Armazenagem). O limite é de R\$ 1,3 milhão por cliente, podendo aumentar para R\$ 4 milhões quando se tratar de um empreendimento coletivo.

Custo médio do seguro agrícola para o hortifruticultor - R\$/hectare em 2012

Total	R\$ 1.064,73	Total	R\$ 702,44
Tomate	1.474,67	Maçã	1.303,12
Cebola	603,58	Uva	391,05
Alho	980,15	Pêssego	934,42
Batata	385,07	Caqui	1.313,84
Pimentão	1.006,38	Ameixa	1.541,86
Berinjela	1.380,31	Pêra	1.257,64
Pepino	1.269,29	Nectarina	2.033,08
Repolho	379,90	Goiaba	3.538,58
Abóbora	142,95	Melancia	255,42
Mandioca	64,58	Tangerina	688,35
Beterraba	287,30	Figo	2.160,53
Alface	100,00	Kiwi	829,40
Cenoura	534,33	Manga	732,39

Obs: Valores médios, podem variar dependendo da taxa de risco da região.

“Desculpe, estamos em obras...”

O sentimento quando se fala em seguro agrícola no País é que se trata de algo ainda em construção, caminhando para se tornar um mercado sólido. É como se o mercado segurador estivesse com um sinalizador: “Estamos em obras para melhor atendê-lo”. Nesta empreitada para se chegar a um produto de fato interessante a todos os envolvidos, é importante que as discussões envolvam sempre o produtor rural, as seguradoras - e resseguradoras - e o governo.

Embora o setor hortifrutícola ocupe o segundo no *ranking* de contratação de seguro agrícola por terem diversos produtos classificados como culturas prioritárias na política do governo, a proteção é concentrada em poucas culturas e praticamente restrita a uma única cobertura: chuvas de granizo. No geral, os produtores de frutas e hortaliças ainda estão bastante expostos. Produtores de frutas no Nordeste, por exemplo, não conseguem proteção para o risco de seca. Prejuízos com doenças e pragas e problemas na comercialização também são cobertos.

Outra reclamação é com relação ao condicionamento do seguro à liberação do crédito praticado pelas instituições financeiras. Para os produtores, se é obrigatória a contratação do Proagro para a liberação do custeio, não haveria necessidade de ele ter que dar mais garantias para contrair o financiamen-

to, como a fazenda. Com tal prática, o custo dos financiamentos hoje tem se elevado muito.

Há demanda por parte de produtores para um seguro mais abrangente. Falta o mercado segurador entender melhor a dinâmica do setor produtivo e conseguir enfrentar as dificuldades. Para Sassi, da Proposta Seguros, a falta de informações históricas sobre perdas nas lavouras e incerteza quanto ao posicionamento do governo nas subvenções dificultam a elaboração de um novo modelo de seguro. Ele diz que será necessário o apoio dos próprios agricultores, além dos órgãos públicos, para haver aprimoramento deste mercado.

O agricultor deve colaborar entendendo a importância de fornecer informações precisas sobre produção e perdas para as seguradoras, além de apresentar e discutir as questões técnicas da produção.

Entidades de classe, casas de agriculturas e os centros de pesquisa podem desenvolver um papel importante no mercado de seguros, formatando um sistema de informação de apoio ao mercado segurador. Quanto mais estatísticas, mais fácil fica desenhar um seguro atrativo e de baixo custo para o produtor.

Apesar de ser uma política implantada desde o início do século passado, o mercado de seguro rural no País é ainda pouco desenvolvido. Há muito a ser feito. Mãos à obra!■

Com maior risco, seguro agrícola envolve diferentes etapas e agentes

PRODUTORES

Contratam as seguradoras para protegerem suas lavouras de alguma adversidade climática já pré-determinada

SEGURADORAS

Estas assumem o risco do produtor em caso de perdas e prejuízos na lavoura e garantem isso através de uma apólice. Estas são as beneficiárias da subvenção oferecida pelo governo e por isso acabam assumindo um risco menor

RESSEGURADORAS

Companhias de maior porte, assumem a maior parte dos riscos, pois indenizam as seguradoras em caso do seguro ter sido acionado pelos produtores. Além disso, são as responsáveis pela transferência de seu *know-how* para o mercado interno

GOVERNO FEDERAL

Oferece a base de todo seguro agrícola, pois subsidiam a maior parcela dos custos de contratação do seguro por parte de produtores com programas como PSR (Programa de Subvenção do Prêmio do Seguro Rural)